

**USO, CONSERVAÇÃO E DIVERSIDADE DE PLANTAS AROMÁTICAS,
CONDIMENTARES E MEDICINAIS PARA FINS MEDICINAIS NA COMUNIDADE
VILA PRINCESA, PORTO VELHO-RO**

**USE, STORAGE AND DIVERSITY OF AROMATIC HERBS, SPICES AND
MEDICINAL USES FOR MEDICAL PURPOSES IN VILA PRINCESA'S
COMMUNITY, PORTO VELHO-RO**

Andrina Guimarães Silva
andrinagsilva@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Renato Abreu Lima
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Leidiléia Pereira da Silva
Faculdade São Lucas

Ana Cristina Ramos de Souza
Faculdade São Lucas

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo fazer o levantamento etnobotânico das plantas aromáticas, condimentares e medicinais utilizadas na Comunidade Vila Princesa e associar esta utilização aos dados etnossociais da população. Foram aplicados questionários estruturados a 76 moradores, identificando-se as plantas utilizadas como medicinal, a finalidade terapêutica, as partes vegetais mais utilizadas e o modo de uso; desta através de bibliografia especializada foram destacadas as aromáticas e condimentares. Além disso, identificou-se também a forma de aquisição dos conhecimentos acerca das plantas, o nível de escolaridade e a renda mensal dos entrevistados. Como resultado, identificou-se 47 espécies em uso na comunidade, distribuídas em 30 famílias botânicas, com maior representatividade para a família Rutaceae. As partes mais utilizadas das plantas foram às folhas e o modo de preparo mais usual foi o chá. As doenças mais citadas foram gripe e resfriado. O conhecimento sobre as plantas medicinais foi adquirido principalmente por meio dos pais e parentes. Predominou o nível de escolaridade Fundamental (1º ao 5º ano) e renda mensal de um a dois salários mínimos.

Palavras-chave: Fitoterapia. Rutaceae. Rondônia.

ABSTRACT: This study aimed to identify, through ethnobotanical perspective, aromatic herbs, spices and medicinal uses in the Vila Princesa's Community, and relate these uses with the data of the etnossocial aspects of the population. Structures questionnaires were applied to 76 residents, identifying the plants used as medicinal, their therapeutic purpose, the most frequently parts used and the ways there are used. And through specialized literature the aromatic and the spices were differentiated. In addition, we identified also the way of acquiring knowledge about the plants, the level of education and monthly income of the respondents. As a result, we identified 47 species in use in the community, distributed in 30 botanical families, with greater representation for the Rutaceae family. The most used parts were the leaves and most usual method of preparation was the tea. The most frequent diseases were cold and flu. The knowledge of the medicinal plants has been acquired mainly through parents and relatives. We found as predominant the basic school level (1st to 5th grade) and the monthly income of one to two minimum salary(ies).

Keywords: Phytotherapy. Rutaceae. Rondônia.

1. INTRODUÇÃO

A utilização das plantas como medicamento é muito antiga e data dos primórdios da civilização. Na China, há registros de cultivo de plantas medicinais que datam de 3000 a.C.; os egípcios, assírios e hebreus também as cultivavam em 2300 a.C. (NOLLA et al., 2005).

Com a utilização de documentos manuscritos, o ser humano foi listando plantas com uso medicinal e descrevendo seus valores terapêuticos. Os naturalistas que acompanhavam as expedições exploratórias às terras do Novo Mundo referendavam as plantas, sem, contudo, contextualizar seu manejo pelas sociedades consideradas primitivas (PIRES, 1984). Os comerciantes, missionários, antropólogos e botânicos também registravam os usos de plantas por culturas diferentes daquelas presentes no continente europeu (DAVIS, 1995).

Nas últimas décadas, a procura por produtos naturais tem envolvido não só os naturalistas, mas também pesquisadores e todos aqueles que procuram investigar e divulgar os benefícios desses produtos. Esses, a cada dia, apresentam um maior emprego, sendo utilizados na alimentação, na indústria farmacêutica, na agroquímica, entre outros. Na alimentação, as ervas condimentares e aromáticas atuam realçando o sabor dos alimentos e ativando a ação das glândulas salivares, que iniciam o processo digestivo. Além disso, cada tipo de planta tem em sua composição substâncias diferentes, de forma que agem no organismo mesmo quando a planta é usada apenas como tempero (CARDOSO et al., 2006).

A utilização de plantas aromáticas, medicinais e condimentares é parte integrante da cultura portuguesa, tantas são as referências ao seu uso nas mais diversas situações. No entanto, o seu largo emprego não tem merecido atenção especial de quem publica e são ainda poucos os trabalhos que neste domínio se têm feito e ainda menos os que têm resultados que cheguem aos potenciais produtores (LORENZI; MATOS, 2002).

As representações das medicinas tradicionais foram consideradas, por muito tempo, como objetos exóticos, desprovidos de coerência e eficácia, característicos de sociedades e culturas atrasadas, destinadas a desaparecer com a implementação e disseminação da medicina ocidental (BUCHILLET, 1991).

O mercado formal de plantas aromáticas e condimentares pode ser caracterizado pelos segmentos, em que se verifica a participação farmacêutica envolvendo serviços de fitoterapia que lidam com plantas frescas ou com fitoterápicos magistrais ou oficiais, cuja regulamentação Federal e exigências da Vigilância Sanitária aproxima-se daquelas estabelecidas para as farmácias de manipulação; produção e distribuição de produtos

fitoterápicos com estabilidade relativamente longa e determinada, e registrados como medicamentos fitoterápicos; pela indústria de cosméticos, incluindo perfumaria, produtos para cabelos, maquiagem, e dermatológicos; e ainda pelo setor de mercado informal das plantas medicinais, constituído pelas tradições populares, indígenas, africanas e caboclas (LEMOS et al., 2006).

O uso de plantas com fins medicinais pela população mundial tem sido muito significativo nos últimos tempos. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que cerca de 80% da população mundial fez uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma sintomatologia ou enfermidade desagradável. Desse total, pelo menos 30% deu-se por indicação médica. Esta prática tradicional, ainda existente entre os povos de todo o mundo, tem inclusive recebido incentivos da própria OMS (MACIEL et al., 2002).

São consideradas plantas medicinais aquelas que tem efeito definido sobre doenças ou sintomas e que, segundo Di Stasi (1996), após estudos criteriosos, representam uma fonte inesgotável de medicamentos aprovados comumente utilizados, assim como uma rica fonte de novas substâncias com atividade biológica potencial.

Considerando a baixa qualidade de vida da população e o limitado acesso aos programas de saúde pública, buscou-se neste trabalho relatar o uso de plantas para fins medicinais na Comunidade Vila Princesa, em Rondônia, contribuindo para o resgate do conhecimento tradicional. Procurou-se também estabelecer correlação entre os padrões sócio-econômicos das entrevistadas e a utilização da fitoterapia como prática no cotidiano.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A comunidade está localizada entre as coordenadas geográficas S08°50'40,29" W63°56'57,79" e S08°51'06,41" W63°56'28,39", na margem direita da BR-364, sentido Rio Branco (AC), a 13 km do trevo de acesso a Porto Velho, denominado de "Trevo do Roque", próximo à Universidade Federal de Rondônia. Existem aproximadamente 150 moradores, que retiram do lixo o seu sustento, coletando desde garrafas plásticas até restos de alimentos.

Coleta de dados etnobotânicos

Para o levantamento dos dados foram realizadas entrevistas de janeiro a maio de 2009. O entrevistador empregou diálogos para direcionar a conversa, buscando responder

questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). O tempo gasto em cada entrevista variou de 20 minutos à uma hora, dependendo do maior conhecimento que as entrevistadas possuíam sobre as plantas medicinais ou da disponibilidade de cada moradora.

Buscou-se dar ênfase aos dados etnobotânicos, como as plantas mais utilizadas, indicação terapêutica, parte da planta utilizada e modo de preparo. Além disso, identificou-se também a forma de aquisição dos conhecimentos acerca das plantas, a idade, o nível de escolaridade, a renda mensal e a região de origem das entrevistadas. No total, 76 moradores participaram desta pesquisa, sendo entrevistados individualmente, em suas residências, nos dias laborais e finais de semana.

Análise dos dados

Foram obtidas médias, dividindo-se o número de citações (somatório do número de todas as citações de utilizações de plantas com alguma finalidade terapêutica mencionadas pelas entrevistadas), pelo número de entrevistados, em relação aos fatores: forma de aquisição do conhecimento (geração a geração, livros, igreja, conversa com amigos), nível de escolaridade dos entrevistados (analfabetos, ensino fundamental completo e incompleto e ensino médio) e renda mensal familiar. A utilização deste procedimento teve por objetivo a identificação de como está distribuído o conhecimento sobre as plantas medicinais, em relação aos fatores mencionados (SANTOS et al., 2008). Por exemplo, dentro do fator “nível de escolaridade”, para se inferir sobre o conhecimento etnobotânico dentro do grupo “analfabetos” da população, dividiu-se o número de citações (utilização de plantas medicinais com finalidade terapêutica mencionadas em entrevistas com os analfabetos da população) pelo número de indivíduos analfabetos, obtendo-se a média de citações por indivíduo. Da mesma forma, foram obtidas médias para os outros grupos populacionais, e estas foram comparadas entre si, dentro de cada fator, utilizando-se o teste t de Student ($p < 0,05$).

Coleta do material botânico

As coletas do material botânico foram realizadas no momento das entrevistas, com a obtenção das partes vegetativas e reprodutivas, quando possível, junto às casas dos informantes ou em lugares próximos. Não foi possível a identificação taxonômica de todos os espécimes, devido à indisponibilidade de material vegetal adequado para a classificação à época do levantamento. As plantas que apresentavam floração e frutificação foram coletadas,

seguindo os procedimentos usuais de taxonomia, incluindo prensagem e desidratação em estufa elétrica; cada espécime foi identificada com número de coleta, data, local e nome do coletor. Depois de desidratado, o material vegetal foi descrito e identificado com auxílio de lupa, literatura especializada ou por comparação com material já identificado do Herbário Dr. Ary Tupinambá Penna Pinheiro, pertencente da Faculdade São Lucas (HFSL), posteriormente, todo material foi incorporado ao acervo do (HFSL), no município de Porto Velho, Rondônia. O sistema de classificação botânica utilizado foi o Angiosperm Phylogeny Group (APG II) (SOUZA & LORENZI, 2008).

Plantas aromáticas e condimentares

Do material obtido nas entrevistas, utilizou-se bibliografia especializada para cada planta, separando as plantas aromáticas e condimentares com base nas suas características botânicas, segundo Cardoso et al. (2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram registradas 238 citações, nas quais foi relatada a utilização de diversas partes vegetais, em nove formas de preparo, com diferentes finalidades terapêuticas, sendo identificadas 47 espécies, distribuídas em 30 famílias botânicas (Quadro 1).

As famílias mais representativas em número de espécies foram Rutaceae (35 citações) Lamiaceae (24 citações), Anacardiaceae (19 citações), Crassulaceae (16 citações), Piperaceae (15 citações), Myrtaceae (14 citações), Bignoniaceae e Poaceae (12 citações), Verbenaceae (11 citações), Amaranthaceae (10 citações), Cucurbitaceae (sete citações) e Liliaceae e Leguminosae (seis citações cada), enquanto que para as demais famílias obtiveram-se cinco citações ou menos.

TABELA 1. Nomes vulgares e científicos, famílias botânicas, indicações, partes utilizadas e modos de preparo de plantas utilizados pelos moradores da Comunidade Vila Princesa, em Rondônia. Porto Velho, 2009.

| Nome popular - Científico | Família | Indicação medicinal ¹ | Parte utilizada ¹ | Modo de preparo ¹ |
|---|---------------|---|---|---|
| Abacate - <i>Persea americana</i> Mill | Lauraceae | a- dor de barriga b- inflamação | a- folhas b- folhas | a- xarope b- chá, xarope, lambedor e banho e maceração |
| Acerola - <i>Malpighia glabra</i> L. | Malpighiaceae | a- pressão alta b- gripe | a- frutos b- frutos | a- chá e suco b- chá, xarope, banho e maceração |
| Alecrim - <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | Lamiaceae | a- dores | a- folhas | a- chá, xarope, banho, maceração e lambedor |
| Alfavaca - <i>Ocimum selloi</i> Benth. | Lamiaceae | a- infecção, febre b- dor de cabeça c- gripe e inflamação | a- folhas b- folhas c- folhas, frutos, caule e raiz | a- chá, xarope, banho e lambedor b- chá, xarope c- chá, xarope, maceração e banho |
| Alfazema - <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | Lamiaceae | a- dor de cabeça | a- folhas | a- chá, xarope e lambedor |
| Algodão - <i>Gossypium hirsutum</i> L. | Malvaceae | a- inflamação | a- folhas | a- chá, xarope, lambedor e decocção |
| Amor perfeito - <i>Viola tricolor</i> L. | Violaceae | a- inflamação, dor de dente | a- folhas | a- maceração |
| Aroeira vermelha - <i>Schinus terebinthifolius</i> R. | Anacardiaceae | a- febre e gripe b- ferimentos e diarreia c- inflamação | a- folhas b- folhas c- folhas | a- chá b- chá e xarope c- chá e lambedor |
| Arruda - <i>Ruta graveolens</i> L. | Rutaceae | a- pneumonia, diabetes | a- folhas | a- chá, xarope e banho |

| | | | | |
|---|----------------|--|--|--|
| | | inflamação e sinusite b- dor de cabeça e ouvido, coceiras, calmante | b- folhas, raiz, caule e frutos | b- chá, xarope e suco |
| Babosa - <i>Aloe vera</i> (L.) Burn. F. | Liliaceae | a- inflamação, anemia, dores b- câncer, úlcera, gripe | a- folhas b- folhas | a- chá, xarope e lambedor b- xarope |
| Boldo - <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews | Lamiaceae | a- rins b- dor de barriga, fígado | a- folhas b- folhas | a- chá b- chá, xarope e lambedor |
| Caju - <i>Anacardium occidentale</i> L. | Anacardiaceae | a- inflamação, dor de barriga b- estômago | a- folhas, frutos e raiz b- folhas | a- chá, xarope, banho, melado e lambedor b- chá, xarope e maceração |
| Caninha do brejo - <i>Costus spicatus</i> S. | Costaceae | a- rins | a- folhas e raiz | a- chá, xarope, lambedor |
| Capim-santo - <i>Cymbopogon citratus</i> D.C. | Poaceae | a- gripe, digestão e calmante b- estômago, dor de barriga | a- folhas e frutos b- folhas | a- chá, xarope, banho e maceração b- chá |
| Carambola - <i>Averrhoa carambola</i> L. | Oxalidaceae | a- dor de cabeça b- pressão alta | a- folhas b- folhas e frutos | a- chá, melado b- chá, suco |
| Casca preciosa - <i>Aniba canelilla</i> H.B.K | Lauraceae | a- sinusite | a- casca | a- chá |
| Cipó-alho - <i>Seguiera americana</i> L. | Phytolaccaceae | a- digestão, vermes | a- folhas | a- chá, xarope |
| Chapéu-de-couro - <i>Bryophyllum calycinum</i> L. | Alismataceae | a- gripe e inflamação | a- folhas | a- chá |
| Copaíba - <i>Copaifera langsdorfii</i> Desf. | Leguminosae | a- gripe, coceiras b- gripe | a- casca, frutos e folhas b- folhas | a- chá b- chá e xarope |
| Corama - <i>Bryophyllum calycinum</i> L. | Crassulaceae | a- gripe, gastrite, estômago e câncer | a- folhas | a- chá, xarope, lambedor e maceração |
| Crajirú - <i>Arrabidaea chica</i> V. | Bignoniaceae | a- cólicas menstruais e inflamação | a- folhas e raiz | a- chá, xarope, maceração lambedor e banho |
| Elixir parigórico - <i>Piper marginatum</i> L. | Piperaceae | a- inflamação e dor de barriga | a- folhas | a- chá, xarope, banho e maceração |

| | | | | |
|--|---------------|---|---|---|
| Erva-cidreira - <i>Lippia alba</i> Mill. | Verbenaceae | a- digestão, gripe, calmante e estômago b- cólicas menstruais | a- folhas b- folhas | a- chá, xarope b- chá, xarope, lambedor |
| Erva-doce - <i>Pimpinella anisum</i> L. | Verbenaceae | a- gripe e inflamação | a- folhas | a- chá, xarope, banho |
| Eucalipto - <i>Eucalyptus robusta</i> L. | Myrtaceae | a- nervosismo e gripe | a- folhas | a- chá, xarope, lambedor |
| Gengibre - <i>Zingiber officinale</i> L. | Zingiberaceae | a- gripe, tosse b- febre | a- frutos b- folhas | a- chá, xarope, lambedor, banho e maceração b- chá |
| Goiaba - <i>Psidium guayaba</i> L. | Myrtaceae | a- diarreia b- digestão | a- folhas e frutos b- folhas | a- chá, xarope e maceração b- chá e xarope |
| Guiné - <i>Petiveria alliacea</i> L. | Fitotalaceae | a- gripe e resfriados | a- folhas | a- chá, xarope |
| Hortelã - <i>Mentha</i> sp. | Lamiaceae | a- gripe e resfriados e febre b- dor de barriga e cólicas | a- folhas b- folhas | a- chá, xarope e lambedor b- chá, xarope, lambedor e banho |
| Hortelã-pimenta - <i>Mentha pipenta</i> L. | Lamiaceae | a- gripe b- gastrite | a- folhas b- folhas | a- chá, xarope b- chá |
| Jambo - <i>Syzygium malaccense</i> L. | Myrtaceae | a- dor de cabeça, fígado | a- folhas | a- chá, xarope e lambedor |
| Jatobá - <i>Hymenaea courbaril</i> L. | Leguminosae | a- sinusite, inflamação b- gripe | a- folhas e frutos b- folhas, raiz e caule | a- chá, xarope b- chá, xarope |
| Jenipapo - <i>Genipa americana</i> L. | Rubiaceae | a- rins | a- folhas | a- chá, suco |
| Jurubeba - <i>Solanum paniculatum</i> L. | Solanaceae | a- inflamação | a- folhas, raiz e caule | a- chá, xarope |
| Laranja - <i>Citrus sinensis</i> L. | Rutaceae | a- digestão, dor de barriga, estômago b- gripe e resfriados, fígado c- calmante | a- folhas, cascas b- folhas, cascas c- folhas | a- chá, xarope, banho, maceração e lambedor b- chá c- chá, xarope |
| Limão - <i>Citrus limonum</i> L. | Rutaceae | a- gripe, fígado b- inflamação | a- folhas, cascas, frutos b- folhas e raiz | a- chá, xarope, suco, maceração e lambedor b- chá, xarope |

| | | | | |
|---|-----------------|---|--|---|
| Malvarisco - <i>Pothomorphe umbellata</i> L. | Piperaceae | a- gripe b- inflamação | a- folhas, frutos, raiz, caule e casca b- folhas | a- chá, xarope, lambedor e suco b- chá, xarope |
| Melão são Caetano - <i>Momordica charantia</i> L. | Cucurbitaceae | a- coceiras e malária b- vermes | a- folhas, frutos e raiz b- folhas e raiz | a- chá e suco b- chá, xarope e lambedor |
| Mastruz - <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. | Amaranthaceae | a- vermes, digestão b- malária e gripe | a- folhas e raiz b- folhas | a- chá, xarope, lambedor, suco e maceração b- chá |
| Manga - <i>Mangifera indica</i> L. | Anacardiaceae | a- inchaço e febre b- dor de barriga | a- folhas e frutos b- folhas, raiz e caule | a- chá e suco b- chá, xarope |
| Picão-roxo - <i>Jatropha gossypifolia</i> L. | Euphorbiaceae | a- fígado | a- folhas | a- chá |
| Quebra-pedra - <i>Phyllanthus niruri</i> L. | Euphorbiaceae | a- rins | a- folhas | a- xarope |
| Sabugueiro - <i>Sambucus australis</i> L. | Caprifoliaceae | a- febre | a- folhas, frutos, raiz, caule, casca | a- chá, xarope |
| Salsa – <i>Petroselinum crispum</i> M. | Apiaceae | a- malária e vermes | a- folhas | a- chá, xarope e lambedor |
| Vassourinha - <i>Pterogyne nitens</i> L. | Caesalpiniaceae | a- anemia | a- folhas | a- chá |
| Vique - <i>Mentha arvensis</i> D.C. | Acanthaceae | a- dor de cabeça e inflamação | a- folhas | a- chá, xarope e lambedor |

¹As letras de referência indicam conexão entre os itens Indicação, Parte Utilizada e Modo de Preparo.

As afecções mais citadas foram gripe e resfriados (44 citações), diarreia (27 citações), inflamações (26 citações), dores hepáticas (14 citações), dores de cólicas e lavagens femininas (12 citações cada), calmante (11 citações), dor de cabeça, febre e vermes (oito citações). Outras afecções foram citadas, apresentando com menor número de citações, incluindo malária, pneumonia, micoses e pressão alta. O grupamento das doenças foi feito com base nos conceitos dos autores e não dos entrevistados.

Em outros estudos com este enfoque, também foi citado um maior número de espécies para o tratamento de tosse e estômago. Amorozo & Gély (1988) verificaram percentual elevado para gripe, tosse e resfriado, assim como Mengue et al., (1991). Conceitos ou definições de doenças por parte delas muitas vezes não correspondem aos da medicina moderna. Resultados semelhantes foram obtidos por Silva & Andrade (2005) ao fazerem um estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Mata do estado de Pernambuco, observando predominância da utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças respiratórias.

Com os resultados, foram constatadas nove formas de preparo dos fitoterápicos, sendo o mais utilizado foi o chá (97 citações), seguido do xarope (59 citações), *in natura* (32 citações), maceração (30 citações), lavagem e banhos (sete citações cada), suco (quatro citações) e compressa e sumos (uma citação cada). Porém, observaram-se formas errôneas quando comparados com a literatura no preparo e tempo de preparação das plantas medicinais que cada usuário utiliza. Contudo, por meio deste trabalho, foi oportuno esclarecê-los quanto às práticas herdadas com grande importância científica, mas que também pode provocar males irreversíveis ao organismo. Resultados semelhantes foram encontrados por Kubo (1997) ao verificar que a forma de utilização continua sendo a preparação pelo chá compreendendo decocção e infusão.

Quanto à parte vegetal utilizada nas preparações dos remédios caseiros, observou-se maior utilização das folhas (220 citações), seguido dos frutos (27 citações), raízes (19 citações), cascas (15 citações), caules (13 citações) e sementes e flores (seis citações cada). Resultados semelhantes foram obtidos por Ming & Amaral Júnior (2005), que observaram que a parte mais utilizada por seringueiros na Reserva Extrativista Chico Mendes são as folhas, as quais concentram geralmente grande parte dos princípios ativos das plantas. A utilização de folhas na preparação de remédios caseiros tem sido frequentemente citada em levantamentos (MAGALHÃES, 1997; GARLET & IRGANG, 2001). O uso de folhas nas preparações apresenta um caráter de conservação do recurso vegetal, pois a retirada da

mesma, se não for excessiva, não impede o desenvolvimento e reprodução da planta. Um aspecto relevante da informação sobre a parte utilizada diz respeito à pesquisa farmacológica, uma vez que as diferentes partes de um vegetal apresentam variação quanto à qualidade de seus componentes químicos (MARTIN, 1995).

As espécies mais citadas neste levantamento foram a corama (*Bryophyllum calycinum* L.), malvarisco (*Pothomorphe umbellata* L.), boldo (*Plectranthus barbatus* L.), capim santo (*Cymbopogon citratus* D.C.), laranja (*Citrus sinensis* L.), crajiru (*Arrabidaea chica* V.) arruda (*Ruta graveolens* L.), caju (*Anacardium occidentale* L.), erva-cidreira (*Lippia alba* Mill.), hortelã (*Mentha sp.*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), alfavaca (*Ocimum basilicum* L.) e limão (*Citrus limonum* L.). O conhecimento das propriedades e identificação correta das plantas medicinais permite o resgate histórico-cultural da população, uma vez que essas plantas podem trazer benefícios ao organismo pelas propriedades que possuem o princípio ativo. O reconhecimento correto da planta é essencial e deve ser feito pela identificação taxonômica da espécie (nome científico) e não somente pelo nome popular.

Com relação à origem dos entrevistados, constatou-se que a maioria das entrevistadas é da região Norte, dos municípios de Porto Velho (RO) com 68 indivíduos, Lábrea (AM) com cinco indivíduos, Rio Branco (AC) com dois indivíduos e uma moradora que residia na região Nordeste, Salvador (BA). Nota-se que, embora a região Norte abrigue enorme biodiversidade, e a maioria dos entrevistados sejam desta região, menos de um terço das espécies mencionadas são nativas da Amazônia, enquanto a grande maioria das espécies são provenientes do Sul e Sudeste. Observações similares foram encontradas por Santos et al., (2008) em estudo etnobotânico realizado no Município de Ariquemes, Rondônia, no qual se identificou que apenas sete das 63 espécies citadas são nativas da Amazônia.

Fica claro que oito plantas são consideradas como aromáticas, quatro são condimentares e 35 são plantas medicinais, como classificado por Cardoso et al. (2006) (Gráfico 1). Existem plantas medicinais e aromáticas das mais diversas espécies, assim como citadas na tabela 1. Apresentam consistência herbácea, semi-herbácea ou lenhosa, com aproveitamento apenas de uma parte da planta ou da totalidade. Estas plantas têm na sua composição as substâncias que todas as outras possuem como seja água, sais minerais, ácidos orgânicos, hidratos de carbono ou substâncias proteicas. No entanto, de planta para planta, há uma variação relativa destes compostos e noutras aparecem alguns outros que as demarcam e conferem propriedades especiais (CARDOSO et al., 2006).

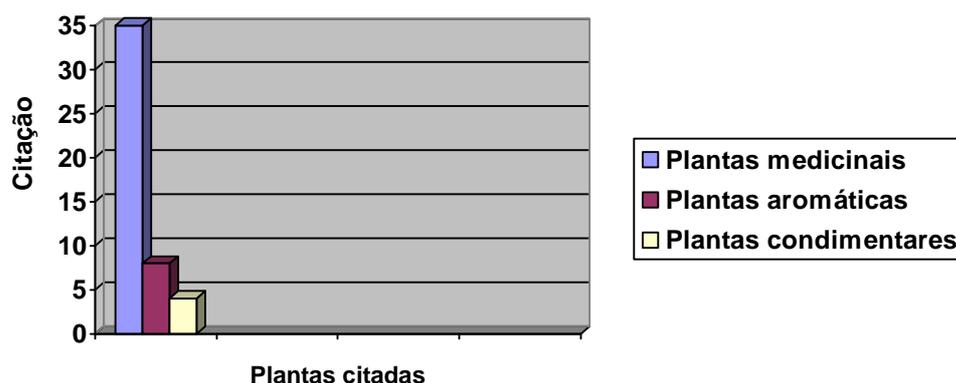


Gráfico 1. Plantas citadas como medicinais, aromáticas e condimentares, Porto Velho, 2010.

Em relação ao nível de escolaridade, o conhecimento e uso de plantas medicinais predominou entre os analfabetos, com 6,0 citações por entrevistado; seguido pelo nível de ensino fundamental completo (6º ao 9º ano), com 3,87; ensino fundamental incompleto (1º ao 5º ano), com 3,01; e ensino médio, com apenas 2,0 citações por entrevistado. Assim, observa-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais apresenta tendência a diminuir com o nível de escolaridade. Está claro que o nível de escolaridade está associado a condições econômicas. Assim, a relação entre o baixo nível de escolaridade e a maior familiarização com o poder medicinal das espécies vegetais pode refletir a busca, devido ao poder aquisitivo, de formas alternativas de tratar as doenças, que envolvam a compra de medicamentos caros.

Os dados relacionados à aquisição dos conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais revelaram que a maior parte foi adquirida por meio das mães, avós e bisavós (geração a geração) com 2,77 citações por entrevistado, seguido de trocas de idéias com outras pessoas, 4,08; e leitura, com 8,50. O conhecimento de pai para filho, a observação direta das atividades dos pais, é a forma mais tradicional de transferência das informações. No entanto, é claro que o aprendizado natural que adquirimos deve em qualquer ocasião ser levado adiante, uma vez que nada é mais importante do que a vivência e sabedoria que se adquire com o contato direto do homem com a natureza, e a melhor maneira de chegarmos ao conhecimento científico em relação às plantas medicinais é principalmente por meio do conhecimento popular.

Considerando a renda mensal dos entrevistados com a idade dos moradores, notou-se também que a maioria, 64 dos entrevistados, possui renda mensal de até um salário mínimo e os outros 12 entrevistados obtêm renda mensal entre um e dois salários mínimos. As médias

foram 2,98 e 3,91 citações por entrevistado, respectivamente. Diante disso, percebe-se que muitas desses moradores não possuem escolaridade exigida pelo mercado de trabalho, e conseguem apenas entre um e dois salários mínimos para o sustento da família, tendo como alternativa o trabalho no lixão municipal.

Do ponto de vista social, é de conhecimento geral que as camadas de menor renda da população mundial possuem os conhecimentos básicos da medicina natural. Essa população é extensivamente consultada como principal e mais importante fonte de informações que, por sua vez, permitiram a descoberta da maioria dos medicamentos de origem natural disponível na medicina moderna (CHAVES & ZANIN, 2004).

Observou-se que a maioria das entrevistadas cultivava as plantas consumidas nos quintais, indicando que estas eram ao menos parcialmente preservadas e utilizadas quando necessária. Outro aspecto importante que está ocorrendo em nossa sociedade e que se tornou um problema é a exploração exaustiva das espécies vegetais de interesse terapêutico de modo irracional e inconsequente, ocasionando problemas de desequilíbrio ambiental nas formações vegetais, incluindo a extinção de muitas espécies que ainda não foram estudadas, o que representa grande perda do arsenal químico e biológico potencialmente útil como medicamento.

4. CONCLUSÃO

Como foi observado neste trabalho, o estudo dos conhecimentos de comunidades predominantemente voltadas para o setor primário, em geral, nos leva a duas vertentes um que está voltado para as mulheres, uma vez que passam mais tempo nas casas, cuidando dos filhos e maridos, chefes de família, que passam a maior parte fora de casa; e a necessidade constante de proteger o conhecimento ancestral, resgatando e registrando informações, de forma a perpetuá-las para as gerações futuras. Isso, no entanto, não é regra fixa, pois existem exemplos contrários.

Esta pesquisa fornecerá subsídio para estudos fitoquímicos e farmacológicos necessários para confirmar as propriedades terapêuticas da maioria das espécies estudadas e para verificar a toxicidade ou inocuidade das mesmas visando basicamente à busca de melhores condições de vida para o ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA, 2004. 189p.
- AMOROSO, M.C.M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.4, p.47-131, 1988.
- BUCHILLET, D. Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia. In: CABALLERO, J. (Org.). **Perspectiva para o el quehacer etnobotânico em México**. Belém: Ed. Cejup, 1991. p.63-64.
- CARDOSO, M.G.; CASTRO, D.P.; AGUIAR, P.M. **Plantas aromáticas e condimentares**. . Monografia (Graduação em Ciências Biológicas), 78p. Faculdade de Ciências da Cidade de São Paulo, 2006.
- CHAVES, A.S.; ZANIN, E.M. Plantas medicinais, condimentares e aromáticas, levantamento preliminar, identificação e cultivo na região do alto Uruguai. **Revista Perspectiva Erechim**, v.28, n.101, p.67-82, 2004.
- DAVIS, E.W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES R.E.; REIS, S. Von (Eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. New York: Chapman & Hall, 1995. p.40-9.
- DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNESP, 1996. 105p.
- GARLET, T.M.B.; IRGANG, B.E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.4, n.1, p.9-18, 2001.
- KUBO, R.R. **Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS**. 1997. 163p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) - Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LEMONS, G.C.S.; FREITAS, F.P.; FREITAS, C.P. Demanda identificada de plantas medicinais ou aromáticas no comércio de Campos dos Goyatacazes, RJ. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.8, n.4, p.96-99, 2006.
- LORENZI, H.E.; MATOS, F.J.D.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512p.
- MACIEL, M.A.M. et al. Medicinal plants: the need for multidisciplinary scientific studies. **Química Nova**, n.3, v.25, p.429-38, 2002.
- MAGALHÃES, R.G. **Plantas medicinais na Região do Alto Uruguai: conhecimentos de José Martins Fiúza, Sarampião**. 1997. 172p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) - Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MARTIN, G.J. **Ethnobotany: a people and plants conservation manual**. London: Chapman & Hall, 1995. 268p.
- MENGUE, S.S.; MENTZ, L.A.; LIMA, J.A. Utilização de chás e suas indicações por um grupo populacional de Porto Alegre. **Caderno de Farmácia**, v.7, n.2, p.1-3, 1991.

MING, L.C.; AMARAL JÚNIOR, A. **Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na reserva extrativista “Chico Mendes”**. Disponível em: <<http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

NOLLA, D.; SEVERO, B.M.A.; MIGOTT, A.M.B. **Plantas medicinais**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2005. 72p.

PIRES, M.J.P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. **Rodriguesia**, v.36, n.59, p.61-6, 1984.

SANTOS, M.R.A.; LIMA, M.R.; FERREIRA, M.G.R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura brasileira**, v.26, n.2, p.244-50, 2008.

SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v.19, n.1, p.45-60, 2005.

SOUZA, V.C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática**: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2005. 640p.